

DISCURSO, TRABALHO E CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE HOMOSSEXUAL: A LINGUAGEM CIFRADA EM DIÁLOGO

*Address, work and
construction of homosexual
identity: the language
dialogue in figures*

Veridiana Caetano¹

Resumo: Partindo de pressupostos que articulam estudos sobre o trabalho (SCHWARTZ; DURRIVE, 2007; NOUROUDINE, 2002), estudos culturais (HALL, 2006; BAUMAN, 2001, 2005) e a teoria dialógica do discurso (BAKHTIN, 1997, 1998, 2003; BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2006), esta pesquisa tem como objetivo geral analisar práticas discursivas de trabalhadores de um salão de beleza localizado na cidade do Rio Grande (RS), que, em alguns momentos, utilizam uma linguagem cifrada durante suas atividades profissionais, observando características da construção de identidades homossexuais e de seu trabalho. Como objetivos específicos, visa a (i) verificar como se dá a interação entre trabalhadores heterossexuais e homossexuais em práticas discursivas do trabalho, (ii) analisar como ocorrem essas práticas discursivas em situação de trabalho de homossexuais masculinos e (iii) apreender aspectos discursivos da constituição da identidade dos sujeitos homossexuais masculinos nessas situações de trabalho. Para o desenvolvimento dos objetivos, foram observadas e gravadas interações com três cabeleireiros no salão de beleza e posteriormente foram realizadas entrevistas com os profissionais em foco. Constatou-se, a partir da análise efetuada, que a linguagem cifrada se apresenta como pista da constituição identitária homossexual dos cabeleireiros pesquisados que em diferentes momentos procuram não ser compreendidos por determinados sujeitos que os cercam.

Palavras-chave: linguagem cifrada; abordagem dialógica; questões identitárias; atividade de trabalho.

Abstract: *This research aims at analyzing the discursive practices used by workers who, sometimes, use ciphered language in their professional activities while keeping characteristics of the construction of homosexual identities and of their work in a hair salon located in Rio Grande, RS. It is based on studies of work (SCHWARTZ; DURRIVE,*

¹ PUC-RS. E-mail: veri@vetorial.net

2007; NOUROUDINE, 2002), on cultural studies (HALL, 2006; BAUMAN, 2001, 2005), and on the dialogical theory of discourse (BAKHTIN, 1997, 1998, 2003; BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2006). The specific objectives of this study are the following: (i) to verify the interaction among heterosexuals and homosexuals in discursive practices at work; (ii) to analyze how discursive practices happen in male homosexuals' work; (iii) to understand discursive aspects of the identity constitution of male homosexuals in work situations. I observed and recorded interactions that occurred among three hairdressers in a hair salon, and interviewed them, afterwards. Based on the analysis which I carried out, I noticed that the ciphered language is a clue for the hairdressers' homosexual identity constitution; at times, they try not to be understood by other individuals who are around them.

Key words: ciphered language; dialogical approach; identity issues; work activity.

INTRODUÇÃO

O espírito investigativo pode ser instigado a partir de diferentes atividades humanas provenientes de variadas esferas de comunicação. Dessa forma, considerando que a sociedade contemporânea vem passando por marcantes modificações, em que o chamado processo de globalização tem ocasionado consideráveis mudanças nas práticas sociais, passando por um processo de redefinição de uma série de conceitos, valores e princípios que até pouco tempo sequer eram mencionados, surgem questionamentos de ordens diversas. Por exemplo, com a evolução das tecnologias, que se fizeram notar, mais marcadamente, a partir da Revolução Industrial, quando a produção em massa mudou significativamente as necessidades sociais, mudaram também os paradigmas das relações de trabalho, levando a um aumento da produção, dos lucros e, também, da exploração da atividade humana.

Com a chegada do taylorismo² privilegiou-se o trabalho prescrito, concebido pelos administradores, que previa um trabalhador que executasse as tarefas de maneira mecânica e repetitiva, sem reconhecer o trabalho real, realizado por sujeitos que fazem escolhas. A "administração científica", nesse cenário, suscitou vários questionamentos ao considerar os trabalhadores como meros recursos humanos, não permitindo trocas linguageiras entre eles e nem a emergência de diferentes identidades. Tal postura fez surgir variados estudos sobre a atividade humana de trabalho, como é o caso da abordagem ergológica, desenvolvida pelo filósofo Yves Schwartz na década de 1980 (SCHWARTZ, 2006, 2007), que, entendendo ser o trabalhador o centro

² Taylorismo é o modelo de administração desenvolvido pelo engenheiro estadunidense Frederick Winslow Taylor (1856-1915).

da atividade, observa as “dramáticas do uso de si” vividas pelo sujeito na relação com o outro, pressupondo ressingularizações de normas heterodeterminadas.

Já a partir do final da década de 1970, início dos anos oitenta do século XX, o processo de aceleração do desenvolvimento tecnológico e da globalização define um novo modelo de desenvolvimento. Este modelo deveria atender aos novos padrões de qualificação e competências, advindos das novas relações estabelecidas no mundo do trabalho que começava a exigir um perfil mais flexível, competente e polivalente, no qual o conhecimento passa a ser mais priorizado a fim de atender às novas demandas do sistema capitalista. Há de se observar que, nesse contexto de mudança, dentre outras práticas, diferentes atividades languageiras, novos comportamentos e diferenciadas estruturas de trabalho passaram a provocar reflexões diversas. É possível perceber, assim, que grupos vão se formando a partir de critérios não muito claros, mas que, em geral, advêm de afinidades entre os indivíduos. Desse modo, é comum se perceberem afinidades, como por exemplo entre os colegas de trabalho e os parceiros de festa, o que desencadeia, por um lado, a identificação de pontos em comum entre indivíduos e, por outro, diferenças entre eles. Essa constatação permite pensar na relação entre identidade e alteridade, em que o reconhecimento do “eu” somente pode se dar pelo “outro”, o que remete à questão da relação constitutiva entre identidade e práticas languageiras. Em outras palavras, o homem se constitui na relação com sua época, com o significado da sua própria existência ao considerar suas atividades e relações sociais.

Nessa perspectiva, esse estudo ocorreu em determinado salão de beleza localizado na cidade do Rio Grande/RS, que entre alguns funcionários utilizavam uma linguagem cifrada, ou seja, um código que não pode ser entendido por aqueles que não o conhecem, do tipo “Olha o carteio da amapoa Ageu”. Considerando ser a identidade construída no discurso e nas relações dialógicas e ideológicas projetadas nas interações sociais e a partir dessa constatação enunciativa do salão de beleza, torna-se importante pesquisar e refletir sobre as práticas discursivas dos trabalhadores nesse local, pois foi possível perceber uma espécie de dizer que, ao incluir certos interlocutores, excluía outros, revelando uma construção identitária de determinados indivíduos e grupos. Para respaldar a análise, são desenvolvidos três enfoques teóricos: estudos do trabalho (SCHWARTZ; DURRIVE, 2007; NOUROUDINE, 2002), estudos culturais (HALL, 2006; BAUMAN, 2001, 2005) e teoria dialógica do discurso (BAKHTIN, 2003; BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2006). Após a reflexão teórica, é analisado um fragmento de interação observada e gravada no salão de beleza e, em seguida, teceremos algumas das considerações finais.

1. ATIVIDADE DE TRABALHO

No final do século XIX, com a chegada do taylorismo, o trabalho prescrito, sob a forma de tarefa, desenvolveu-se, buscando prescrever tempos, regras e movimentos, de forma a ditar modos operatórios (LAVILLE, TEIGER & DANIELLOU, 1989). O método taylorista previa um trabalhador que executasse as tarefas de maneira mecânica e repetitiva, sem considerar a dimensão humana das práticas laborais, as quais são geridas por sujeitos que pensam e fazem escolhas.

Refutando a concepção taylorista e seguindo os princípios da ergonomia da atividade que considera a distância entre o que é prescrito e o que é realizado, surge a ergologia, uma abordagem pluridisciplinar que valoriza a singularidade da atividade e, por isso, necessita de várias disciplinas para constituir seu embasamento teórico, como a filosofia, sociologia e linguística. A ergologia foi desenvolvida por Yves Schwartz, na França na década de 80, e partilhada com a equipe *Analyse Pluridisciplinaire des Situations de Travail – APST*, na Universidade de Provence. Seu precursor admite que o surgimento se deu num “contexto de mudança – do trabalho e da sociedade” (SCHWARTZ, 2006, p.458).

Com a perspectiva ergológica, Schwartz (2006) aborda a atividade humana de trabalho como uma atividade industriosa que envolve um debate permanente de normas, quais sejam: as “normas antecedentes” (horários, objetivos, planejamentos, prescrições etc.) em diferentes instâncias (locais, regionais, nacionais), que preexistem a toda forma de atividade concreta, e as “renormalizações” (retrabalho das normas, organização viva do trabalho, dinâmica histórica). De acordo com Schwartz (2007), as normas constituem nosso dia-a-dia, pois são necessárias para a vida em comum, em sociedade; no entanto, sempre fazemos escolhas e as retrabalhamos. Na atividade de trabalho, é impossível repetir uma tarefa, uma prescrição, uma vez que as renormalizações são permanentes. Como sempre há variabilidades a serem geridas, emergem singularidades que garantem a preservação da dimensão de “inconclusividade”, tensão entre formas organizadas de trabalho (coletivo) e experiências subjetivas (constituídas na relação com o outro).

Todo ser humano, conforme Schwartz (1997), é atravessado por uma dramática de uso de si, que tanto pode ser “uso de si pelos outros” (métodos, prescrições, coletivo) como “uso de si por si” (foco na renormalização, na história). O “uso de si por si” remete ao inantecipável, à experiência pessoal. Sob esse enfoque, o pesquisador desenvolve a noção de “corpo si” como uma dimensão

que indissocia o corpo físico e a mente. O “corpo si” é fruto da interação social e abrange toda a dramática de uso de si: memória, emoções, maneiras de lembrar ou não, posição postural, voz etc. Por isso, toda atividade de trabalho é sempre uma série de dramáticas de um “corpo si”, integrado, que sintetiza diversas dimensões do ser humano. O “corpo si” é histórico, não é um corpo biológico, e todo trabalhador é sempre atravessado por valores e saberes, que variam entre diferentes dimensões, graus mais ou menos individuais ou gerais, que emergem no debate de normas (SCHWARTZ, 2007; SCHWARTZ e DURRIVE, 2007)³.

Sob esse enfoque, a atividade de trabalho, no conjunto das atividades humanas, pode ser observada pela linguagem, já que “a linguagem no trabalho é rica”:

[...] A partir do momento em que se leva a sério a atividade, chega-se à conclusão de que há realmente alguma coisa a ser vista no trabalho. Nesse momento, reintegram-se as trocas linguageiras envolvidas nessa tensão geral que compreende toda atividade. Procura-se compreender tais construções linguageiras – que, à primeira vista, são surpreendentes – como sendo subversões da linguagem, invenções mais ou menos bem ajustadas às situações locais e que, portanto, as acompanham e permitem sua eficácia, ainda que sejam com frequência estritamente incompreensíveis para quem não se encontra na referida situação – o que é normal: incompreensíveis, justamente porque estão sendo criadas em função da singularidade da situação e dos problemas singulares colocados pela situação. (SCHWARTZ; DURRIVE, 2007 p.136)

A citação vem ao encontro da reflexão proposta por este estudo, uma vez que evidencia a importância da linguagem em situação de trabalho, especialmente quando faz emergir singularidades do trabalhador e da sua atividade de trabalho. É nessa perspectiva que se pode entender que a profissão de cabeleireiro constitui-se como uma atividade social, linguageira, na qual existe uma interação entre os interlocutores num contexto histórico, configurando uma forma de socialização e de construção identitária.

Considerando tais reflexões, é válido observar, conforme entende Vion (*apud* ALGODOAL, 2002), que o sujeito se constitui exclusivamente se socializando, isto é, interagindo com outros indivíduos. Ressalta-se aí a importância de um posicionamento recíproco dos interlocutores e do desenvolvimento da interação verbal nas práticas profissionais a fim de se produzirem diferentes sentidos e identidades. A linguagem e o trabalho, nessa perspectiva, são atividades importantes na

³ Parte integrante do artigo Linguagem, trabalho e produção de subjetividade, de Caetano e Di Fanti (2009), publicado nos Anais do VI Congresso Internacional da Abralín.

práxis do indivíduo, uma vez que transformam o meio social e permitem trocas e negociações variadas.

Na atividade profissional, trabalhadores mobilizam diferentes valores, saberes e experiências, pois cada um traz uma bagagem histórica diferente que vai se revelando no diálogo com outras atividades. Tanto as práticas coletivas, partilhadas por um grupo, como as individuais, restritas a um dado público, integram o trabalho dos sujeitos e não deixam de mostrar facetas da construção heteronormativa das identidades.

Por esse motivo, torna-se importante a reflexão da relação entre linguagem e trabalho, discutindo diferentes dimensões de abordagem, como as desenvolvidas por Nouroudine (2002), que propõe uma reflexão sobre a linguagem destacando o seu caráter revelador da complexidade do trabalho em três dimensões interdependentes: linguagem *como* trabalho, *no* trabalho e *sobre* o trabalho.

A linguagem *como* trabalho relaciona-se à linguagem como elemento constitutivo da atividade de trabalho, ou seja, uma linguagem que faz, voltada para o fazer. O trabalho do cabeleireiro, nessa perspectiva, é atrelado à linguagem, que se materializa em diferentes gêneros discursivos, entendidos como atividades com estabilidade relativa (BAKHTIN, 2003). Nouroudine discerne três níveis de linguagem como trabalho. No primeiro nível, o protagonista se reporta aos envolvidos em uma atividade executada. Já no segundo, são enfocadas as falas que o trabalhador dirige a si próprio como orientação. Nesse caso, as palavras, possivelmente, acompanham o fazer, explicitamente ou não. Por fim, no terceiro nível, o pensamento ocorre simultaneamente ao fazer, sem obrigatoriamente passar pelo recurso da palavra; é o denominado nível “mínimo dialógico”, que remete à concepção bakhtiniana de que a concretização de um enunciado exige a antecipação de um outro (NOUROUDINE, 2002, p.20).

A linguagem *no* trabalho é uma linguagem circundante, que ultrapassa as fronteiras profissionais, fazendo imbricar diferentes saberes, partilhados somente por quem convive com um determinado grupo de indivíduos. No entanto, torna-se relevante saber que as práticas languageiras no trabalho, ainda que não desempenhem uma função de influência direta na produção da atividade, podem se mostrar como uma necessidade para a própria manutenção da mesma, ainda quando sua relevância não é reconhecida. Muitas vezes, uma conversa sobre frivolidades, como passeios, música, moda etc, pode atenuar momentos de tensão e de cansaço em determinadas atividades, o que revela sua importância na atividade de trabalho. Para Nouroudine (2002), a análise da linguagem *no* trabalho é tão importante quanto a análise da linguagem *como* trabalho, visto ser necessário analisar

a situação global em que os saberes sobre o trabalho são produzidos, observando que o encontro da situação com a experiência se dá pela linguagem.

Já a linguagem *sobre* o trabalho é a linguagem que interpreta, aquela que está relacionada às manifestações avaliativas de uma situação de trabalho objetivando a ação, ou seja, além de ser observada na atividade produtiva, pode também resultar de uma solicitação do pesquisador para que o trabalhador fale acerca de seu trabalho. Lacoste (*apud* NOUROUDINE, 2002) declara que, “longe de ser apenas um artifício do pesquisador que impõe esse tema aos operadores, a fala sobre o trabalho é, às vezes, motivada de seu próprio interior, por exigências da equipe ou da empresa”. Lacoste destaca ainda a possibilidade dos colegas solicitarem “o trabalho para comentá-lo ou avaliá-lo, para lembrá-lo, para se justificar, ou por mil razões surgidas no momento” (p.25). Sob esse prisma, Nouroudine menciona a importância de se questionar acerca de “quem fala”, “de onde fala” e “quando fala” para que se compreenda onde se situa o campo de validade e de concernência da linguagem sobre o trabalho. Conclui seu pensamento destacando que a linguagem sobre o trabalho se encontra imbricada com a linguagem no trabalho e com a linguagem como trabalho.

A partir da atividade de trabalho em salão de beleza em que os sujeitos dialógicos estão envolvidos e das práticas languageiras constitutivas das interações, torna-se relevante a observação de como se constroem discursivamente as identidades dos cabeleireiros. Para tanto, faz-se necessário discorrer sobre a construção da identidade a partir da perspectiva dos estudos culturais, praticados por Stuart Hall e Zygmunt Bauman.

2. CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE

A noção de identidade pode compreender perspectivas diferentes em determinados pontos dependendo do autor que se toma como referência, o que gera, muitas vezes, relações tênues e conflitantes na definição do conceito. Acompanhando o raciocínio de Stuart Hall (2006), pode-se aludir que a identidade passa a ser um tema de grande importância num contexto, como o atual, no qual as identidades não mais se referem a grupos homogêneos ou etnias. Numa modernidade denominada como “líquida” por Bauman (2001), as identidades também se tornam móveis. Assim, tornam-se heterogêneas e em processo de contínua construção.

Hall, em sua obra *Identidade cultural na pós-modernidade* (2006), propõe uma abordagem de identidade que, contestando toda forma de estabilização, enfatiza a fragmentação do indivíduo e o

surgimento de novas identidades. A emergência dessas mudanças o faz colocar em discussão uma possível “crise de identidade”, em que o indivíduo deixa de encontrar ancoragens estáveis no mundo social. O livro traz também um estudo sobre a identidade cultural na pós-modernidade, fazendo um mapeamento dos acontecimentos e das mudanças históricas que influenciaram a constituição do sujeito contemporâneo. Para desenvolver sua reflexão sobre a superação de toda forma essencialista ou fixa de identidade, o estudioso examina três concepções de identidade em relação a três abordagens de sujeito: sujeito do iluminismo, sujeito sociológico e sujeito pós-moderno.

O sujeito do iluminismo, que apresenta uma visão “individualista” do ser humano e da sua identidade; o sujeito sociológico, que entende que a identidade é formada na relação entre o sujeito e a sociedade, num viés determinista e o sujeito pós-moderno, que vê o sujeito como sendo constituído não de uma única, mas de muitas identidades, que por vezes são contraditórias ou não resolvidas.

Observa-se que a identidade é percebida como um processo de construção contínua, na medida em que ganha um caráter provisório, como salienta Bauman (2005, p.22): “A fragilidade e a condição eternamente provisória da identidade não podem ser mais ocultadas. O segredo foi revelado. Mas esse é um fato novo, muito recente”; nota-se, por conseguinte, que a natureza única, fixa, imóvel, coerente e completa é uma ilusão.

Ainda que Bauman (2005) constata a fragmentação do sujeito contemporâneo, apresenta uma abordagem diferente, porém complementar à de Hall. De acordo com a obra *Identidade*, de Zygmunt Bauman (2005), não devemos mais pensar a identidade como fixa e sim buscar compreender melhor o que possa ser a identidade em meio aos valores “líquidos” de uma sociedade que está em constante transformação. Atenta-se ainda, na chamada modernidade líquida, um mundo ilusório causado pelas inseguranças que a vida proporciona aos indivíduos. Na mesma obra foram analisadas mudanças ocorridas em decorrência da globalização e do conseqüente multiculturalismo. Segundo o autor, alguns segmentos como o mal-estar social, a insegurança e a privatização da esfera pública auxiliam num desgaste do caráter, que nitidamente se notam no comportamento e nas decisões tomadas pelos indivíduos. Percebe-se então, a partir das leituras realizadas, que Bauman e Hall corroboram a respeito do quão impactante é a globalização sobre a identidade. É nesse contexto que se pode verificar a versatilidade da identidade, em que o sujeito se representa discursivamente com identidades diferentes dependendo do contexto em que está situado.

As conjecturas do pensamento moderno passam por um deslocamento, no qual o indivíduo deixa de ser centrado, universal e essencial; sua identidade não é mais concebida como algo fixo e inato desde o nascimento, quando as redes de significações, simbólicas e de identificação passam a ter um papel importante; a linguagem passa a ser entendida como um sistema que cria significados mutáveis nos nossos sistemas culturais, não mais um sistema individual.

É possível compreender, em uma abordagem discursiva mais ampla, no caso a perspectiva dialógica, a relação dinâmica de interdependência entre identidade e alteridade, em que o “eu” (um complexo “nós”) pode se constituir e reconhecer em relação ao “outro”, seja por aproximação, graus dialógicos de identificação, seja por distanciamento, graus dialógicos de diferença.

3. ABORDAGEM DIALÓGICA DA LINGUAGEM

O Círculo de Bakhtin⁴, ao pressupor o caráter social da linguagem, proporciona recursos para a sua compreensão em diferentes práticas humanas. Nesta seção, são trabalhadas algumas das noções desenvolvidas pelo Círculo, que contribuem para esta investigação, como é o caso de aspectos relativos à linguagem, dialogismo e sujeito.

Bakhtin/Volochinov (2006) chama a atenção para a língua como uma atividade social, na qual todo ato comunicacional é um diálogo com enunciados que a precedem, bem como a sucedem. Percebe-se, portanto, que a interação verbal constitui a realidade fundamental da língua e, assim, a realidade fundamental da interação verbal é seu caráter dialógico:

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas lingüísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicológico de sua produção, mas pelo fenômeno da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações, a interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2006, p.127)

A partir de tais observações, faz-se necessário discorrer sobre o desenvolvimento da noção de uma das categorias básicas do pensamento bakhtiniano: o dialogismo (BAKHTIN, 1997, 1998, 2003; BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2006). Para os estudos do filósofo russo e seu Círculo, o diálogo vai muito além da conversa face-a-face, isto é, “ao encontro fortuito de dois seres empíricos isolados e

⁴ Círculo de Bakhtin compreende um grupo multidisciplinar de intelectuais apaixonados por filosofia que se reunia regularmente, de 1919 a 1920, para debater ideias. Seus principais integrantes são M. Bakhtin, V. N. Volochinov e P. N. Medvedev (FLORES; TEIXEIRA, 2005)

auto-suficientes, soltos no espaço e no tempo, que trocam enunciados a esmo.” (FARACO, 2003, p.62). Ou seja, a atenção se volta para o poder ideológico que impregna o conteúdo enunciativo.

O dialogismo é uma propriedade inseparável da linguagem e da construção de sentidos. Quando enunciamos (e fazemos isso por meio de enunciados concretos), estamos respondendo a algo, isto é, a enunciados anteriores, ao mesmo tempo em que antecipamos respostas futuras. Dessa forma, o enunciado é dialógico, configurando-se como um elo na cadeia de comunicação discursiva. Também o locutor é dialógico, pois, além de responder e antecipar respostas, possui atitude ativa frente a outros enunciados e sujeitos. O diálogo, desse modo, está na base das relações humanas, no vínculo entre o “eu” e o “outro”, e essa ligação aparece sob a forma de interação verbal.

Importante salientar que o que torna a compreensão de um enunciado possível é aquilo que é presumido pelo outro. Di Fanti (2009 p. 182) associa a proposição da palavra como “fenômeno ideológico por excelência” (Voloshinov) com o fato de suscitar uma atitude responsiva. Assim, a compreensão de qualquer enunciação é sempre ativa, orienta-se pelo contexto e já contém a origem de uma resposta. Bakhtin afirma que, para cada palavra a ser compreendida, fazemos corresponder uma série de palavras nossas, formando uma réplica, uma vez que o sujeito traz em si vozes que o antecederam, um mundo que já foi articulado, compreendido diferentemente. A compreensão é, então, uma forma de diálogo, que suscita uma resposta ativa, já que “toda compreensão é prenhe de resposta e, nessa ou naquela forma a gera obrigatoriamente: o ouvinte se torna falante” (BAKHTIN, 2003, p.271).

As relações dialógicas, como observa Bakhtin (1997), são relações de sentido entre enunciados diversos e, por isso, proporcionam o desencadeamento de diferentes efeitos: consonância, discordância, reiteração, confronto etc. Por conseguinte, tais relações vão constituindo histórica e ideologicamente a atividade discursiva, o que implica interações complexas, nem sempre aparentes. Nesse contexto, a língua é compreendida a partir de seu uso concreto, como atividade social, em que o importante é a enunciação, o processo verbal, o trabalho empreendido por seus usuários (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2006). Depreende-se, então, que o princípio dialógico é constitutivo de diferentes noções, como linguagem e sujeito, o que marca a abordagem histórica e inter-relacional das enunciações como fator determinante da construção de identidades.

Nessa perspectiva, o sujeito é construído no e pelo discurso, e, além de responder e antecipar respostas, possui atitude ativa frente a outros enunciados e sujeitos. É possível observar, desse modo,

que o dialogismo está na base das relações humanas, no vínculo entre a vida e a língua, na complexa interação entre o dinâmico e heterogêneo “eu” e o indeterminado “outro” (BAKHTIN, 2003).

Enunciar, então, é responder, atribuindo valor ao que se diz e aos outros dizeres, é se posicionar ideologicamente em relação ao outro. A expressividade, materializada dialogicamente por acentos de valor, situa-se na fronteira entre o verbal e o não-verbal, o dito e o não-dito. Nesse movimento, a palavra se concretiza como produto da interação entre o locutor e o interlocutor, funcionando como uma zona fronteira, um espaço social ideológico que entra em contato com discursos variados. Logo, o enunciado é pleno de palavras dos outros, as quais trazem consigo sua expressão, seu tom valorativo que é assimilado, reelaborado e/ou reacentuado pelos interlocutores (BAKHTIN, 2003; BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2006).

O outro, no movimento dialógico, projeta-se a partir de diversos discursos, como outras vozes – posições sociais, opiniões – que coabitam um determinado discurso, nunca concluído. Mesmo havendo um acabamento formal, como a passagem da palavra ao interlocutor (uma projeção discursiva que influencia o dizer), em sua constituição o discurso sempre será inacabado (inconcluso), porque as relações dialógicas nunca cessarão de desencadear sentidos outros. Há de se ressaltar, no entanto, a necessidade de acabamento em nível de compreensão, em que somente o outro pode atribuir sentido, contradiscurso ao que foi enunciado. Assim, na interação entre diferentes planos de expressão, horizontes de valor, o enunciado toma forma.

Por conseguinte, a alteridade – relação com o outro – não apenas é responsável pela transitoriedade e fluidez das construções identitárias, como também é imprescindível para a constituição dinâmica do sujeito dialógico. A materialização da subjetividade acontece pela alteridade, sendo o outro determinante para o desenvolvimento do ato ético, cujas atitudes responsivas em relação a outros sujeitos e discursos não deixam de refratar uma diversidade de vozes em contínuo movimento dialógico.

4. PROCEDIMENTOS METODOLOGICOS

O material de análise deste estudo foi constituído a partir das interações presenciadas em um salão de beleza localizado na cidade do Rio Grande/RS que possui em seu quadro funcional nove trabalhadores: três cabeleireiros, três manicures, uma atendente de lavatório e duas recepcionistas. Parte desses profissionais, em alguns momentos, utiliza uma linguagem cifrada durante a atividade

de trabalho. Considerando tais particularidades, foram feitas gravações em áudio das trocas linguageiras.

As gravações das interações foram efetuadas durante as visitas da pesquisadora ao salão de beleza, ora somente como pesquisadora, ora como cliente em visitas periódicas, que, como muitas outras frequentadoras, utiliza os serviços de cabeleireiro, manicure e pedicure. No material gravado em áudio, resultante das visitas, pode-se observar diferentes e inúmeras interações, entretanto priorizou-se a seleção daquelas que contivessem a participação dos trabalhadores do salão, em especial trechos em que utilizam linguagem cifrada. Após a transcrição das gravações, foi preciso contar com o auxílio dos cabeleireiros no sentido de “decodificar” os dizeres cifrados. Os colaboradores da pesquisa que participam do fragmento selecionado são: Rubinho, Nico (ambos homossexuais assumidos) e Neide cliente do salão.

Para a análise do material de estudo, levou-se em consideração os pressupostos teóricos que norteiam esta pesquisa: estudos sobre o trabalho, estudos sobre identidade e estudos da linguagem. Em relação à primeira perspectiva, destaca-se a importância da linguagem em situação de trabalho (SCHWARTZ, 2007), sendo enfatizada na análise a proposta de Nouroudine (2002). Já a segunda, que se refere às questões identitárias, ressalta-se a mobilidade identitária do sujeito na contemporaneidade (HALL, 2000, 2006; BAUMAN, 2001, 2005). E por fim a teoria dialógica do discurso destaca o caráter dialógico como constitutivo da linguagem, já que todo enunciado está intrinsecamente relacionado a outros enunciados (BAKHTIN, 2003).

O método de análise deste estudo leva em consideração a orientação da “ordem metodológica” sugerida por Bakhtin/Volochinov (2006, p.128), propondo uma reflexão enunciativo-discursiva interdependente entre situação de produção do discurso e circulação dos enunciados, na relação entre trabalho, constituição identitária e linguagem.

5. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A seguir será analisada apenas uma das interações registradas, a do dia cinco de junho de 2007 entre Nico, Rubinho e Neide⁵. Rubinho está lavando os cabelos de Neide na sala dos

⁵ Os nomes são fictícios.

lavatórios (em outro cômodo do salão) e, ao mesmo tempo, conversando a respeito da temperatura da água. Nico chega eufórico, contando um fato que acontecera num outro momento.

Rubinho: Como tá a água Neide? ... tá quentinha?
Neide: Hum... uma delícia!
Rubinho: Esse lavatório anda ruim, esfria, ...
Neide: Tá super bom!
Rubinho: Guria... tenho que comprar lavatórios novos, urgente!
(entra Nico)
Nico: Oh, mona uó [...]! Sabe o oco que aquendo o baco no ilê ontem ...
Rubinho: Ah!
Nico: Agora o oco argeu ...
Rubinho: Sim!
Nico: Oco aquendo o bate com a Dum e com os quatro ilê na city.
Rubinho: Ah... (risos) O ilê da Dum, o ilê da Omiu, o ilê da Chuchu, o ilê da Bimbau [...] (risos)
Neide: O que vocês estão dizendo?
Nico: Nada... nada... menina...
Rubinho: Deixa pra lá... ainda tá quentinha Neide?

A partir do fragmento selecionado, observa-se que os cabeleireiros utilizam, em determinados momentos da conversa, uma linguagem partilhada apenas por ambos. Enquanto no início da interação a conversa entre Neide e Rubinho flui naturalmente, mostrando a preocupação do profissional de beleza com o aquecimento da água em que é lavado o cabelo da cliente, no decorrer da interação, o bate papo entre os cabeleireiros (Rubinho e Nico) não só toma um direcionamento diferente como também é ininteligível para Neide (“O que vocês estão dizendo?”). A ruptura do movimento dos enunciados se dá com a entrada de Nico na sala, utilizando uma linguagem cifrada (“Oh, mona uó [...]! Sabe o oco que aquendo no ilê ontem...”), cujos acentos valorativos postos em jogo, como se observa nas escolhas lexicais (“mona”: gay; “uó”: feio; “aquendar”: fazer alguma função, chamar; “ilê”: casa), não deixam de revelar a intenção de não ser compreendido pela cliente, o que se justifica pelo fato de o assunto em pauta girar em torno de uma relação sexual que acontecera entre ele e um homem mais velho na noite anterior.

No desenvolvimento da interação com Nico, Rubinho dá pistas de sua compreensão responsiva ativa através da interjeição “Ah!”, do advérbio de afirmação “Sim!” e do dizer “Ah... (risos) O ilê da Dum, o ilê da Omiu, o ilê da Chuchu, o ilê da Bimbau [...] (risos)”. A partir da análise dos enunciados em circulação, pode-se perceber que a relação instaurada entre os dois cabeleireiros e a cliente revela diferentes efeitos de sentido no que se refere ao trabalho em desenvolvimento e à constituição da identidade homossexual dos profissionais de beleza. Enquanto entre os cabeleireiros é utilizada uma linguagem cifrada, entre eles e a cliente não há qualquer “código” ininteligível de

expressão quando Neide tenta inteirar-se do assunto (“Nico: Nada... nada... menina...”; “Rubinho: Deixa pra lá... ainda tá quentinha Neide?”).

A linguagem cifrada usada pelos cabeleireiros Nico e Rubinho, em determinados momentos, não se limita a denominar ações como “aquendar”, lugares como “ilê” ou nomes comuns como “mona”. Também, em sua constituição, aparecem designações de nomes próprios ou apelidos atribuídos ao núcleo de amigos como “Dum”, “Omiu”, “Chuchu” e “Bimbau”. Apenas no retorno ao salão de beleza após a transcrição das interações, para que os próprios cabeleireiros pesquisados falassem sobre suas trocas linguageiras, foi possível saber que “Dum”, “Omiu”, “Chuchu” e “Bimbau” se referem a nomes dados a outros cabeleireiros. Nesse caso o recurso ao dicionário Aurélio é insuficiente, pois essas denominações não se restringem à comunidade gay, mas sim à situação concreta dos cabeleireiros pesquisados, que têm em comum um conjunto de amigos.

Nota-se que na relação entre linguagem, trabalho e constituição identitária, entremeada à linguagem cifrada, partilhada pelos cabeleireiros, aparecem itens lexicais comuns no cotidiano, como é o caso de “city” (Nico: “Oco aquendo o bate com a Dum e com os quatro ilê na city”), que, com uma ou outra expressão valorativa, podem ou não auxiliar na compreensão dos enunciados.

No fragmento em foco, ainda que Nico e Rubinho estejam conversando sobre um assunto que não se relaciona com a atividade desenvolvida no salão de beleza, ambos estão em situação de trabalho. É válido observar que a linguagem partilhada pelos cabeleireiros não se restringe ao trabalho no salão de beleza, já que é um substrato da cultura homossexual brasileira, mas, ao ser utilizada no trabalho, remete ao fato de ter uma importante função no desenvolvimento das atividades. Isso pode ser observado pelo fato de a interação verbal, realizada via enunciado concreto, materializar o diálogo constitutivo “entre o sujeito, língua e sociedade” (FAÏTA, 2005). Chama-se a atenção para o que Jobim e Souza (1994) salientam, a partir de Bakhtin, que o social e o individual caminham juntos, uma vez que, ao descartar um desses elementos, impossibilita-se o estudo e análise da linguagem como ela realmente funciona.

Observa-se ainda nos enunciados proferidos pelos cabeleireiros a adesão a um dado modo de ser e de dizer que não deixa de ser cultivado no trabalho. Essa dimensão remete à linguagem como trabalho, no trabalho e sobre o trabalho (NOUROUDINE, 2002). O cabeleireiro Rubinho faz uso da linguagem como trabalho, tanto no nível não verbal (lavar o cabelo da cliente) quanto verbal (“Como tá a água Neide? ... tá quentinha?”). Nessa modalidade, é focado o saber do profissional, que se observa no desenvolvimento das atividades de cabeleireiro, neste caso lavar o

cabelo usando o xampu apropriado e o condicionador certo, além de observar a temperatura da água. No desenvolvimento dos enunciados, é possível perceber características da linguagem sobre o trabalho quando o cabeleireiro Rubinho avalia o estado do lavatório (“Esse lavatório anda ruim, esfria, ...”) e posiciona-se sobre a atitude a ser tomada como profissional da beleza: “Guria... tenho que comprar lavatórios novos, urgente!”.

Com a entrada de Nico na interação, o diálogo, representando a linguagem no trabalho, volta-se para as experiências pessoais do cabeleireiro, que, na relação com o outro, o formam como sujeito e o identificam. Nico, mesmo não desenvolvendo nenhuma atividade relativa ao trabalho no momento, está no seu ambiente laboral e partilha suas vivências particulares e íntimas com um colega. Tais nuances no desenvolvimento das práticas languageiras e do trabalho no salão de beleza podem ser observadas como representativas da descontinuidade entre o período taylorista e o período atual especialmente, os profissionais de beleza que, não sendo meros executores de tarefas, desenvolvem suas atividades em meio a interações com interlocutores diversos. Sendo a linguagem valorizada no ambiente de trabalho, pode se tornar comum o partilhamento de experiências (profissionais, pessoais etc.) entre colegas de ofício.

Neste caso, ainda que o trabalho não dependa do modo de dizer dos homossexuais, os efeitos de sentido que circulam no ambiente profissional reflete e refrata um modo singular de interagir com o outro (colegas, clientes, coletivo e profissão), deixando fluir experiências cotidianas dos cabeleireiros e a construção discursiva da identidade homossexual que ultrapassam o salão de beleza, mas não deixam de se relacionar com ele. Isso pode ser observado pelos torneios da interação verbal que, imbricando a linguagem como trabalho, sobre o trabalho e no trabalho, retorna ao final à linguagem como trabalho, revelando os saberes profissionais e a preocupação de Rubinho com o bem-estar da cliente (“... ainda tá quentinha Neide?”).

A partir da prática discursiva analisada foi possível resgatar características da atividade profissional dos cabeleireiros, homossexuais masculinos, e da constituição discursiva de suas identidades. Essa investigação, primando pela observação do enunciado concreto, cujo princípio dialógico (BAKHTIN, 2003) institui uma constante inter-relação com discursos outros, permite observar enunciados a partir da esfera de atividade em que são produzidos e circulam. Ainda que parte dos enunciados destacados dos cabeleireiros seja marcada por características de uma esfera de comunicação própria de um grupo de homossexuais, ao ser pronunciada na esfera em que estão

exercendo a atividade de cabeleireiro, adquire efeitos de sentido imbricados por experiências diversas, tanto pessoais quanto profissionais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise empreendida, destaca-se a relevância da análise da linguagem, em sua constituição dialógica e dinâmica, como lugar de construção de sentidos e de produção de subjetividades. Pode-se perceber pelo atravessamento de outros discursos no dizer dos cabeleireiros a relação de tensão entre identidade – móvel, fragmentada e híbrida – e alteridade – essencial para a inconclusividade dos sentidos. Além disso, foi possível observar na relação de alteridade índices discursivos da construção da subjetividade dos colaboradores do estudo, em diferentes graus de revelação, considerando que a produção do discurso, pelo qual se constituem como sujeitos, é sempre perpassada pelo outro (sujeitos e discursos passados, presentes e futuros). Sendo assim, tendo em vista a heterogeneidade e dinamicidade constitutiva do sujeito dialógico, da linguagem e da construção dos sentidos, depreenderam-se características da atividade laboral, em sua constituição dinâmica e complexa, visto que se desenvolve a partir de um debate entre os saberes prévios e as reorganizações que necessariamente vão surgindo no decorrer do trabalho vivo.

Esta pesquisa se desenvolveu tendo como perspectiva que os cabeleireiros homossexuais usavam a linguagem cifrada entre si como forma de não serem compreendidos por determinadas pessoas. Tal perspectiva se confirmou na análise das interações no salão de beleza, no entanto faz-se necessário acrescentar que o uso da linguagem cifrada não se reduz aos cabeleireiros homossexuais. Este estudo não teve o propósito de trazer uma resposta definitiva aos objetivos apresentados, mas sim apresentar uma possibilidade de reflexão que pudesse iluminar interrogações postas em debate. Assim, procurou-se fundamentar a abordagem a partir de alguns conceitos centrais, como atividade humana de trabalho, identidade e dialogismo, provocando o debate sobre a relação entre identidade, alteridade e subjetividade. Espera-se com isso possibilitar a abertura de novas reflexões dialógicas sobre trabalhadores que se valem de dizeres cifrados, pouco “inteligíveis” para parte dos clientes e colegas, no desenvolvimento da atividade laboral.

REFERÊNCIAS

ALGODOAL, M.J.A.O. *As práticas de linguagem em situação de trabalho de operadores de telemarketing ativo de uma editora*. 2002. 202 f. Tese de Doutorado – PUC, SP, 2002.

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal* [1979]. 4. ed. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Ed. Pontes, 2003.

_____. (VOLOCHINOV, V.N.). (1929) *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. 12. ed. Trad. Michel Lahud e Yara F. Vieira. São Paulo: Hucitec, 2006.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2001.

_____. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

CAETANO, V.; DI FANTI, M.G.C. Linguagem, trabalho e produção de subjetividade. In VI CONGRESSO INTERNACIONAL da ABRALIN. João Pessoa: ABRALIN, 2009.

DI FANTI, M.G.C. Palavra. In: FLORES, V.N., BARBISAN, L.B., FINATTO, M.J.B., TEIXEIRA, M. *Dicionário de lingüística da enunciação*. São Paulo: Contexto, 2009.

FAÏTA, D. *Linguagem e trabalho construção de objetos de análise no Brasil e na França*. São Paulo: Cortez, 2002.

FARACO, C.A. *Linguagem & diálogo: as idéias lingüísticas do círculo de Bakhtin*. Paraná: Criar Edições, 2003.

FLORES, V.N., TEIXEIRA, M. *Introdução à lingüística da enunciação*. São Paulo: Contexto, 2005.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 4. ed. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guaraciara Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

_____. *Quem precisa da identidade?* In: Silva, T.T. (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.

SANT'ANNA, V.L.A. (2000). *Mercosul em notícias: uma abordagem discursiva do mundo do trabalho*. Tese de doutorado. LAEL/PUCSP.

SCHWARTZ, Y. A comunidade científica ampliada e o regime de produção de saberes. *Trabalho & Educação*, Belo Horizonte, n.7, jul./dez. 2000.

_____. Entrevista: Yves Schwartz. *Trabalho, Educação e Saúde*, v. 4, n. 2, 2006.

_____, Y.; DURRIVE, L. (org.). *Trabalho & Ergologia: conversas sobre a atividade humana*. Trad. Milton Athayde et al. Niterói: Ed. EdUFF, 2007.